



Todos contra um

Estamos rendidos pela violência. Exibida ao vivo e a cores, nas ruas e na mídia, ela se alastra com a força avassaladora e incontida de um tsunami. Pergunto-me quando isso tudo pode ter começado. Quando a humanidade perdeu de rédeas da situação e se meteu nesse caos infundável? Ou será que, na nossa história, jamais houve qualquer controle? Difícil encontrar respostas.

Mas, se é quase impossível desvendar as origens históricas da violência, outra questão me parece, assustadoramente, clara: são a família e a escola as grandes responsáveis pela agressividade que toma conta dos nossos jovens.

Nunca se ouviu tanto falar em violência doméstica, em crianças acorrentadas, em filhos jogados pela janela; nunca se ouviu tanto sobre espancamento nas escolas, ameaças nas salas de aula, humilhações pelos corredores.

Não há números que revelem com precisão as barbáries morais e físicas cometidas contra nossas crianças, mas uma pesquisa recente, divulgada pela organização não governamental internacional Plan, nos dá uma idéia do que ocorre nos pátios das instituições de ensino: pelo menos um milhão de alunos sofrem algum tipo de violência nesses locais, todos os dias. Aponta também que, no Brasil, cerca de 70% dos estudantes são vítimas de pelo menos um tipo de violência escolar (castigo corporal, violência sexual ou bullying - atitudes agressivas, intencionais e repetidas sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro). O bullying, aliás, será o centro das ações no Brasil, já que, segundo a pesquisa, um terço dos estudantes do país está envolvido nessa atitude, como agressor ou como vítima.

Ainda desconhecida por muitos pais e educadores, essa prática acontece muito mais do que se imagina. Está nos apelidos jocosos, nas humilhações, nas ameaças físicas, nas agressões recorrentes. Ser gordo, nerd, muito baixo, muito magro. Qualquer motivo pode justificar a perseguição implacável que nunca tem fim.

Felizmente, aos poucos, essas “brincadeiras de criança” ganham a conotação criminosa que merecem. Brincadeira é para diversão de ambas as partes. Se há humilhação ou subjugação, então há um distúrbio de comportamento que precisa ser tratado como tal.

Cabe aos professores não serem mais coniventes com o terror totalitário dos “valentões” que transformam o recreio e a saída em grandes pesadelos. Cabe aos pais se informarem sobre o dia-a-dia dos filhos, identificando agredidos ou agressores. Fechar os olhos para esse problema pode gerar graves consequências futuras. O bullying estimula a delinquência e induz a outras formas de violência explícita, além de produzir cidadãos estressados, deprimidos, com baixa auto-estima.

Exemplos para ilustrar esses sintomas se vêm aos montes, diariamente, nos jornais, protagonizados por jovens agressores ou por agredidos que, um dia, explodem em vinganças e retaliações. Violência realmente gera violência.

É hora de deixarmos de assistir a tudo isso impassíveis, amedrontados como os alunos estigmatizados que conhecem na pele a inércia que o medo pode provocar. Fica aí a lição de casa para pais e professores.